



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE
Nº 27 — 2ª SERIE DEZEMBRO DE 1972 PREÇO \$50

UM PEQUENO PRODUTOR FALAMOS DA BATATA

Nos últimos dez anos, só dois foram considerados bons, tendo os restantes oito terminado com prejuizos mais ou menos elevados para os pequenos e médios produtores de batata.

Sobre esta situação de crise e as possíveis soluções para a evitar quizemos ouvir um pequeno produtor.

Começamos por perguntar-lhe: — Como correu este ano para os produtores de batata?

Falando por mim e pelo que conheço na minha região, o ano foi de baixa produção. Depois da desgraça que nos aconteceu nos anos anteriores, em que tivemos uma boa produção e vimos apodrecer a batata em casa sem termos recebido ofertas de mais de \$70 ou \$80 por quilo, eu e outros agricultores tivemos medo de semear muita este ano. Toda a gente que tem que ir à mercearia ou ao mercado sabe que não consegue encontrar batata a menos de 2\$50 por quilo, pagando-a na maior parte do ano a 5\$00 e mais. Entretanto, nós vendemo-la este ano a 26\$00 a arroba (o que dá pouco mais de 1\$70 por quilo). Como vê, mesmo num ano em que a produção é fraca, como este, a diferença entre o preço no produtor e o que o consumidor paga, é muito grande. Além disso, como a produção foi baixa, nós tivemos menos batata para vender, pelo que os lucros são muito pequenos, mal cobrindo os gastos.

(cont. na pág. 2)

50º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA U.R.S.S.

Em 30 de Dezembro de 1972, o povo soviético e toda a humanidade progressista celebram o 50º aniversário da fundação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (U.R.S.S.).

A grande Revolução Socialista de Outubro de 1917 conduzida pela classe operária sob a direcção do partido de Lênine, em estreita aliança com o campesinato, ao mesmo tempo que derrubou o poder dos grandes proprietários rurais e dos capitalistas, quebrou também as cadeias da opressão nacional e colonial, libertando todos os povos até aí oprimidos pela Rússia czarista. A Revolução de Outubro foi para todos es-

(cont. na pág. 4)



Camponeses duma cooperativa agrícola do Uzbequistão — passaram da escravatura colonial a uma vida livre e feliz.

2 UM PEQUENO PRODUTOR | OS CAMPONESES DE VALONGO FALA-NOS DA BATATA | RECLAMAM INDEMNIZAÇÕES

(cont. da pág. 1)

— Quais são as vossas principais despesas ?

— Os adubos e os produtos fito-sanitários estão a um preço a que mal podemos chegar. Em muitos anos a venda não dá para o que se gastou. Temos ainda as taxas aplicadas pela Junta Nacional das Frutas que chega a ganhar 25 a 30,º em cada saco de semente distribuído à lavoura, o que significa que ela ganha mais num quilo que o agricultor num saco.

— O que nos diz à intervenção da J.N. das Frutas na comercialização da batata ?

— Sobre isso há tanto para dizer que nunca mais acabava. Então há algum direito que a Junta faça importações de batata de consumo quando a nossa não está ainda vendida ? Isto vem provocar o rebaixamento dos preços abaixo do custo de produção.

Quanto à Junta comprar-nos a batata, é uma grande história :

Há um despacho do secretário de Estado do Comércio, de Março deste ano (ao abrigo duma portaria já de há anos) em que foram fixados preços mínimos de garantia para a presente campanha, mas abrange apenas as variedades Bintje, Majestique, King Edward e Alpha. Estas são variedades de batata de polpa amarela, de pouco consumo entre nós, sobretudo no campo, e pouco procurada pelos intermediários que preferem a branca. De modo que nós preferimos cultivar a branca em vez da amarela, porque se alguns grandes lavradores conseguem entregar a produção à J.N. das Frutas por intermédio dos Grémios, nós os pequenos não temos a garantia de que a nossa seja recebida, por faltar aos Grémios armazéns que a recolham.

O que acabo de dizer mostra que o despacho dos preços mínimos de garantia de compra da batata pelos Grémios e J.N. das Frutas, pouco ou nada nos serve ; mas o pior é que a Junta, em vez de nos ajudar, ainda acaba por fazer concorrência aos pequenos produtores. Ora veja :

Já foi enviada ao Governo uma exposição com cerca de 400 assinaturas de camponeses de Valongo do Vouga reclamando medidas práticas e urgentes para que sejam concedidas justas indemnizações às vítimas do grande incêndio provocado pelo combóio do Vale do Vouga.

Esta exposição, iniciativa dos sócios e da Casa do Povo de Valongo do Vouga, acentua os prejuízos causados nas matas da freguesia, alegando :

« Como mais de 75,º daquelas matas foram destruídas pelo fogo e o recuperável ficou sujeito à exploração circunstancial dos compradores das madeiras, mais difícil é a situação dos sócios contribuintes desta Casa do Povo de Valongo do Vouga, todos eles, repete-se, pequenos proprietários.

Ora não nos parece justo que sejamos nós a suportar o risco e consequentes prejuízos provocados pela existência daquele ultrapassado combóio. Assim entendemos que devemos ser justamente indemnizados. »

Acontece que, como efeito da portaria que autoriza a emissão dos despachos de preços de garantia, surgiu uma outra portaria, a 23239 (de Março de 68), que obriga os intermediários a comprar uma percentagem variável de batata à Junta, que pode chegar a atingir a totalidade das suas vendas. O que resulta daqui ? É que a Junta, para se livrar das batatas que o despacho lhe enfiou pela boca abaixo, obriga a uma baixa de procura e a um aumento de oferta na produção para as batatas não manifestadas, quer sejam amarelas, quer sejam brancas. Se o comerciante é obrigado a ir buscar batatas à Junta, não vem buscar essas quantidades aos agricultores, resultando daqui um maior aviltamento de preços, maior exploração do agricultor.

— Para terminar, que soluções pensa que serviriam os pequenos agricultores ?

— Formar cooperativas com câmaras frigoríficas para armazenamento da batata seria para já um começo de solução.

PEQUENOS FRUTICULTORES EM DIFICULDADES

Os pequenos produtores de fruta do distrito de Bragança estão a debater-se com sérias dificuldades, não porque este ano fosse de má produção frutícola, mas exactamente porque a colheita foi muito abundante, em especial a da maçã. Dado o bom ano de colheita, os poucos depósitos de armazenagem existentes (câmaras frigoríficas) não foram suficientes para armazenar toda a fruta. Os grandes lavradores, com a organização corporativa fascista ao seu serviço e ligados às redes de comercialização, estão sempre em primeiro lugar para aproveitar-se das câmaras frigoríficas e conseguem desembrasar-se a bons preços da sua produção. É claro que as escassas câmaras frigoríficas existentes já não chegaram para armazenar a fruta dos pequenos e médios agricultores que, a braços com as dificuldades de escoamento da fruta, são a presa fácil dos intermediários. Aproveitando-se desta situação desesperada para explorá-los sem escrúpulos, os intermediários compram-lhes a maçã a 2\$00 o quilo, a mesma maçã que nas grandes cidades e vilas, até na região transmontana, aparece nos mercados a preços que atingem os 10 e

12\$00 por quilo. A falta de câmaras frigoríficas e de outras estruturas de apoio à agricultura, que, quando existem, são postas pelo Governo ao serviço dos grandes lavradores facilitando-lhes ainda mais a concorrência com os pequenos, são problemas que neste momento os camponeses transmontanos estão a sentir duramente. Este é mais um exemplo que lhes vem abrir os olhos para o desprezo do Governo pela situação dos pequenos e médios agricultores e para o abandono a que este votou a agricultura em geral e particularmente certas regiões do país, como é o caso de Trás-os-Montes.

O que se passou este ano voltará a repetir-se, pelo que se torna necessário que os camponeses transmontanos se unam todos para exigir da Junta Nacional das Frutas e do Governo que tomem desde já providências para o armazenamento de toda a fruta produzida ou a sua comercialização a preços compensadores, através de medidas para o seu escoamento em boas condições para os grandes centros.

TODOS AO RECENSEAMENTO !

Principia em 2 de Janeiro e termina em Março o recenseamento para as « eleições » de deputados à Assembleia Nacional que devem realizar-se no próximo ano. É sabido que num país fascista não pode haver eleições livres; contudo, o aproveitamento dos períodos eleitorais tem sido da maior utilidade quer para o desmascaramento do Governo, quer para a luta do povo pelas suas reivindicações políticas mais importantes. A inscrição de todos os que se opõem ao Governo nos cadernos eleitorais facilita a própria luta política que se irá travar durante o período pré-« eleitoral » e « eleitoral ». Que todos se inscrevam, pois, e se formem comissões de recenseamento nas freguesias rurais para incentivar as inscrições.

PORQUE NOS DIRIJIMOS AOS "CAMPONESES" ?

« A Terra » é o órgão da unidade dos camponeses do Norte. Nas nossas colunas, ao lado de expressões como pequenos e médios agricultores ou pequenos e médios lavradores, aparece também frequentemente a palavra « camponês ». Como já nos têm sido feitos alguns reparos pelo facto desta designação ser pouco habitual nas regiões norte-nas, julgamos útil esclarecer a razão porque a usamos. Sabemos que « campones » não é ainda a palavra mais geralmente empregada no Norte, embora já vá aparecendo. Nós usamo-la porque é a palavra mais correcta para designar os agricultores que trabalham directamente a terra. No sentido em que a empregamos, a palavra « camponês » nome a globalmente desde os caseiros ou pequenos e médios rendeiros que não possuem terra, até aos pequenos e médios proprietários rurais. Todos aqueles a quem, numa definição mais precisa, poderíamos chamar camponeses pobres e médios. Não chamamos camponeses aos proprietários rurais nem aos rendeiros capitalistas que exploram empresas agrícolas na base do trabalho assalariado e não do seu próprio trabalho.

50º. ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA U.R.S.S.



(cont. da pág. 1)

ses povos a bandeira da libertação, não sob o signo do ódio nacional e dos conflitos entre nações, mas sim a bandeira do internacionalismo proletário, garantia duma confiança recíproca e duma aproximação fraternal dos operários e dos camponeses das várias nacionalidades e étnias, gozando iguais direitos e com deveres iguais.

Passados 5 anos da Revolução de Outubro, em Dezembro de 1922, no 1º Congresso dos Soviéticos de toda a União, por proposta de Lênine, realizou-se a união voluntária dos povos soviéticos num único Estado: a U.R.S.S.

Fruto da justa política leninista das nacionalidades e das ideias vitoriosas do internacionalismo proletário, a fundação da U.R.S.S. constitui o resultado do esforço criador e revolucionário de todos os povos soviéticos. Mais de cem nações e étnias diferentes estão agrupadas no Estado Soviético. Esta união foi a garantia da liberdade e da independência do povo soviético,

PORQUE NOS DIRIJIMOS AOS "CAMPONESES"

(cont. da pág. 3)

Também não usamos a palavra camponês para designar os jornalheiros, burocratas, agricultores que são operários rurais e, como tal, fazem parte do proletariado pois vivem do aluguer da sua força de trabalho, tal como os operários industriais.

Porque o Norte é a zona do país onde predominam as pequenas explorações agrícolas e onde, portanto, são mais numerosos os pequenos e médios agricultores, a "A Terra" dirige-se a todos eles englobando-os na denominação genérica de camponeses e como seu órgão de unidade. Na verdade lembra numa ou noutra questão de pormenor possa acontecer que os seus interesses não coincidam exactamente, todos aqueles a quem chamamos camponeses deifrontam os mesmos problemas essenciais, a mesma situação de crise e ruína. "A Terra" tem procurado abordar os seus problemas, apertar e divulgar as suas experiências de luta, incentivar a sua organização e as suas movimentações em defesa dos seus interesses mais imediatos. Ao mesmo tempo "A Terra" apela à unidade de todos para a luta contra o governo fascista, o responsável pela situação de ruína e miséria das classes laboriosas dos campos, pois a sua política na agricultura sempre tem sido a política de defesa dos interesses dos latifundiários e dos grandes capitalistas contra todos os que trabalham a terra e a fazem produzir.

nomeadamente da sua esmagadora vitória sobre os exércitos invasores da Alemanha nazi, na 2ª Guerra Mundial. Baseada nos princípios do respeito mútuo, da igualdade de direitos e da cooperação fraterna de todas as nacionalidades, a sua união foi importante factor do impetuoso desenvolvimento económico da União Soviética no seu conjunto e de cada uma das Repúblicas socialistas que a integram. No quadro desta comunidade, todas as repúblicas criaram uma indústria altamente desenvolvida, uma próspera agricultura mecanizada, um elevadíssimo nível de instrução e cultura. Os povos outrora atrasados da periferia colonial da Rússia czarista, conduzidos pelo Partido Comunista e a classe operária, percorreram nestes 50 anos o caminho do socialismo depois de se terem libertado do feudalismo e da escravatura colonial. Nas repúblicas como o Uzbequistão, o Kazaquistão, o Tadjiquistão, a Kirguízia e a Turkménia, onde antes da Revolução os camponeses eram pouco mais do que escravos acorrentados do nascimento à morte ao trabalho nas terras dos senhores feudais, o campesinato goza hoje uma vida próspera e feliz, dedicando-se a um trabalho agrícola que cada vez mais se equipara ao trabalho industrial quer pelo seu alto grau de mecanização, quer pela remuneração, seguros sociais e serviços, e meios de instrução e cultura postos à sua disposição.

Ao festejar o 50º aniversário da sua fundação, a U.R.S.S. mostra aos povos do Mundo inteiro os frutos de meio século de desenvolvimento e prosperidade da comunidade socialista dos povos da União Soviética, a melhor comprovação de que só o regime socialista possibilita a estreita coesão dos povos e o pleno desenvolvimento das nações.

OUÇAM RÁDIO MOSCOVO

Para conhecerem a realidade soviética, ouçam as emissões diárias de Rádio Moscovo para Portugal. Transmite das 19,50 às 20 horas e das 20,50 às 21 horas em 19, 25 e 51 metros